

EFICÁCIA DO CASQUEAMENTO NO CONTROLE DA PODODERMATITE INFECCIOSA OVINA (*FOOTROT*)

DONATO, Bruno Medeiros¹; LOPES, Daniela Jardim¹; PERES, André Fernandes¹; CORRÊA, Willian de Borba Lopes¹; ZANI, João Luiz²

¹Graduando em Medicina Veterinária - UFPel; ² Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Veterinária Preventiva.
brunodonato@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A pododermatite infecciosa está entre as enfermidades podais mais freqüentes entre caprinos e ovinos (KALER & GREEN, 2008), sendo responsável por grandes perdas econômicas, seja pela redução do consumo de forragens, do ganho de peso, da produção de leite, além de infertilidade, fatores que favorecem o descarte prematuro dos animais (TADICH & HERNÁNDEZ, 2000).

Também chamada de *footrot*, trata-se da infecção da pele do interdígito e da lâmina sensitiva do casco (ABBOTT & EGERTON, 2003). É causada pela ação sinérgica entre duas bactérias gram negativas e anaeróbias, o *Fusobacterium necrophorum* e o *Dichelobacter nodosus* (ABBOTT & LEWIS, 2005).

A fonte de infecção é um ovino portador crônico ou animal com infecção inaparente que contamina o ambiente (BAGLEY, 1998). As aglomerações do rebanho em período de umidade da pastagem e calor favorecem o início de surtos. No RS, surtos ocorrem principalmente na primavera, devido às condições climáticas favoráveis e a práticas de manejo como nascimento, assinalação de cordeiros e a tosquia. Outra época do ano que predispõe a transmissão é o outono, quando há condições favoráveis de temperatura e umidade do solo, associadas ao encarneamento ou inseminação artificial (RIBEIRO, 2009).

O diagnóstico se baseia no exame clínico, onde o principal sinal clínico é a claudicação e o odor característico, em um ou mais membros, de vários animais do rebanho (EAST, 2002). Além disso, o diagnóstico também é baseado pelo aparecimento de surtos associados às épocas úmidas e quentes do ano e pelo caráter crônico e recidivante da doença (RIBEIRO, 2007). Ovinos suscetíveis desenvolvem claudicação em um ou mais membros dentro de 10 a 20 dias após a entrada em áreas infectadas pelo agente do *footrot* (JENSEN & SWIFT, 1982). Em geral, a doença afeta ambas as unhas em mais de um membro (REILLY et al., 2005). As áreas atingidas produzem exsudato necrótico e de odor fétido (REILLY et al., 2005). A manqueira grave dos membros anteriores pode levar os animais a pastarem ajoelhados, fazendo com que os ovinos permaneçam longos períodos deitados, favorecendo o surgimento de abscessos e miíases na região esternal. Os animais afetados perdem as condições corporais (RIBEIRO, 2007).

Os custos com o tratamento representam somente 3% dos gastos totais com a doença. Embora seja dispendioso, o tratamento dos animais acometidos é mais econômico do que conviver com a doença (KIMBERLING & ELLIS, 1990).

O principal objetivo de um programa de controle de cuidados com os cascos deve ser manter baixa incidência de casos de doença, e ter certeza que casos brandos não se tornem severos. Para que um programa de controle seja efetivo, as intervenções devem ser feitas nas primeiras fases do período de transmissão e devem ter como objetivo diminuir a quantidade de material infeccioso no ambiente e aumentar a resistência dos ovinos às infecções (BELL et al., 2009).

A estratégia de tratamento desta enfermidade deve ser elaborada de modo consensual entre o médico veterinário e o proprietário do rebanho, baseando-se na relação custo/benefício, que levará em conta os diversos aspectos econômicos envolvidos em cada situação específica (RODRIGUES et al., 2001).

O tratamento baseia-se no casqueamento, pedilúvio, vacinação e descarte dos ovinos cronicamente afetados (HOISE, 2004). Segundo REILLY et al. (2005), o casqueamento com remoção de todo tecido acometido é procedimento valioso, pois permite melhor contato com as soluções anti-sépticas além de expor o microorganismo ao ar.

O presente trabalho teve por objetivo verificar a incidência de *footrot* em um rebanho ovino e avaliar a eficácia do casqueamento na melhora clínica desta enfermidade.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O estudo foi realizado no mês de novembro de 2010, em uma propriedade de Prado Novo, localizada em de São Lourenço do Sul/RS, constituída de 160 ovinos fêmeas. Na primeira etapa, todos os membros, pélvicos e torácicos, de todos os animais foram examinados e, posteriormente, classificados, cada membro, como afetado pela pododermatite infecciosa ou como sadio, através da presença ou ausência das lesões e odor característico. Os animais eram examinados deitados, e também era observado o estado geral de saúde. As informações obtidas eram organizadas em planilha. Todos os animais foram casqueados com tesouras apropriadas para este procedimento, e os que apresentavam miíases receberam tratamento com produto larvicida. Entre cada casqueamento, os fômites eram colocados em solução de álcool iodado para a desinfecção.

Uma semana após a primeira etapa, foi realizado um novo exame em todos os membros de todos os animais, para análise da regressão da enfermidade. Os dados obtidos foram relacionados com os encontrados na primeira etapa, avaliando, desta forma, a eficácia da técnica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

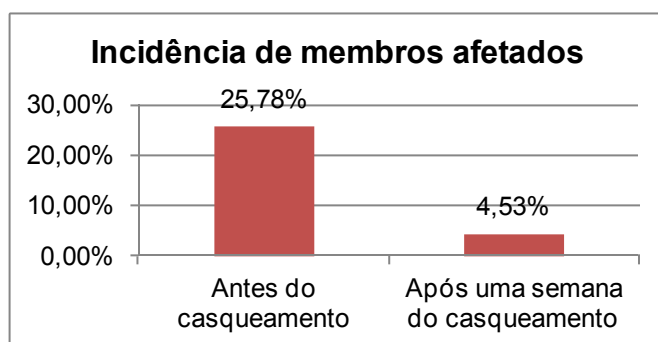
Dentre as 160 ovelhas, que totalizavam 640 membros, foram encontrados na primeira etapa 165 membros com lesão por *footrot*, totalizando 25,78% de membros afetados. Em relação à distribuição entre os membros, constatou-se, 68 (41,21%) dos afetados eram anteriores e 97 (58,79%) eram posteriores. Esta prevalência de incidência nos membros posteriores também foi observada por TADICH & HERNÁNDEZ (2000), em ovelhas de exploração familiar, em Valdivia, no Chile. As perdas produtivas por *footrot* são relevantes, estimadas em 11% do peso corpóreo e uma redução na produção de lã de até 8% (RADOSTITS et al., 2007), índices negativos que poderiam estar presentes na propriedade analisada.

Na segunda etapa, uma semana após o casqueamento, obteve-se uma significativa redução de membros afetados, com a incidência caindo para um total de 29 membros apresentando lesão por pododermatite infecciosa, 12 nos membros anteriores e 17 nos posteriores, representando 4,53% da totalidade.

Constata-se que o casqueamento produziu, considerando somente os membros afetados, uma melhora de 82,42% dos casos. A apara dos cascos leva a uma melhor oxigenação dos tecidos do interdígito, além de auxiliar na diminuição do acúmulo de sujidades e terra no mesmo. Os microorganismos anaeróbios são

intolerantes ao oxigênio, pois o mesmo pode induzir a *shunts* letais, interatuar em enzimas ou cofatores através da oxidação de grupos químicos sensíveis e ainda produzir substâncias tóxicas derivadas da redução parcial da molécula de O₂, como o radical superóxido, peróxido de hidrogênio e o radical hidróxilo (RIBAS & MOTA, 2008).

Gráfico 1 - Incidência de membros afetados por *footrot* em ovelhas de propriedade em São Lourenço do Sul, em porcentagem, antes e após uma semana do casqueamento realizado.



4 CONCLUSÃO

A partir dos resultados deste trabalho, conclui-se que o casqueamento é um método que colabora consideravelmente no controle da pododermatite infecciosa ovina (*footrot*), devendo desta forma, estar incluído no programa terapêutico e profilático de uma propriedade rural com criação de ovinos.

5 REFERÊNCIAS

ABBOTT, K. A.; EGERTON, J. R. Effect of climatic region on the clinical expression of footrot of lesser clinical severity (intermediate footrot) in sheep. **Australian Veterinary Journal**, Brunswick, v. 81, n. 12, p. 756-762, 2003.

ABBOTT, K. A., LEWIS, C. J. Current approaches to the management of ovine footrot. **The Veterinary Journal**, v. 169, p. 28-41, 2005.

BAGLEY, C.V. Contagious Foot Rot – An Update. **Utah State University Extension Animal Health Fact Sheet**. n.7, 1998.

BELL, N. J.; BELL, M. J.; KNOWLES T. G.; WHAY, H. R.; MAIN, D. J.; WEBSTER, A. J. F. The development, implementation and testing of a lameness control programme based on HACCP principles and designed for heifers on dairy farms. **The Veterinary Journal**, v. 180, p. 178-188, 2009.

EAST, N. Enfermidades dos ossos, das articulações e dos tecidos conjuntivos. In: SMITH, B. P. **Medicina Interna de Grandes Animais**. 3. ed. Barueri: Manole, 2002. p. 1129-1130.

HOSIE, B. Footrot and lemeness in sheep. **The Veterinary Record**, v. 154, p. 37-38, 2004.

JENSEN, R; SWIFT, B.L. **Diseases of Sheep**. 2ª ed. Philadelphia. Lea & Febiger, 1982. 330 p.

KALER, J. GREEN, L. E. Naming and recognition of six foot lesions of sheep using written and pictorial information: A study of 809 English sheep farmers. **Preventive Veterinary Medicine**, Amsterdam, v. 83, n. 1, p. 52-64, 2008.

KIMBERLING, C. V., ELLIS. Advances in the control of footrot in sheep. **Veterinary Clinics of North America: Food Animal Practice**, v. 6, n. 3, p. 671-681, 1990

RADOSTITS, O.M.; GAY, C.C.; BLOOD D.C.; HINCHCLIFF, K.W. **Veterinary medicine: A textbook of the diseases of cattle, horses, sheep, pigs, and goats**. 10.ed, p. 1079-1086, 2007.

REILLY, L. K., BAIRD, A. N., PUGH, D. G. Enfermidades do Sistema Musculoesquelético. In: PUGH, D. G. **Clínica de ovinos e caprinos**. São Paulo: Roca, 2005. p. 254-256.

RIBAS, C.; MOTA, M. **Temas de bacteriología y virología médica**. Bactérias Anaeróbias. p. 356. 2008. Disponível em: <http://www.higiene.edu.uy/cefa/2008/BacteriasAnaerobias.pdf> Acessado em 29 de julho de 2011.

RIBEIRO, L. A. O. Footrot: perigo à vista – Períodos favoráveis à transmissão e medidas de controle. **ARCO** – Ano 3 – nº 8. Fevereiro/março de 2009.

RIBEIRO, L. A. O. Footrot dos Ovinos. In: RIET-CORREA, F; SCHILD, A. L; MÉNDEZ, M. C; LEMOS, R. A. A. **Doenças de Ruminantes e Eqüídeos**. 3 ed. Santa Maria: Pallotti, 2007. 998 p.

RODRIGUES, C. A., MENDES, L. C. N., PEIRÓ, J. R., FEITOSA, F. L. F. Ocorrência de um surto de “footrot” em rebanho de ovinos na região de Araçatuba; SP; Brasil. **Revista de Educação Continuada do Conselho Federal de Medicina Veterinária**, v. 4, n. 3, p. 12-19, 2001.

TADICH, N.; HERNANDEZ, M. Prevalencia de lesiones podales en ovinos de 25 exploraciones familiares de la provincia de Valdivia, Chile. **Archivos de Medicina Veterinaria**, Valdivia, v. 32, n.1, 2000.